

Artur nas Fontes Ibéricas Medievais (II): *Libro de las Generaciones e Nobiliário do Conde Dom Pedro*

Profa. Dra. Adriana Zierer
Universidade do Estado do Maranhão
Departamento de História
medievaldomain@ig.com.br

Resumo

Os principais elementos arturianos que circularam em Portugal durante a Idade Média são as imagens de rei-guerreiro e rei-justo que aparecem principalmente na *Demanda do Santo Graal* (1250), *Libro de las Generaciones* (1270) e *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (1340). Esta imagem beneficiou o fortalecimento régio de alguns reis, como Afonso III (1248-1279), que estava em processo de centralização do poder. Além disso, crônicas posteriores a sua morte também o associam com atributos arturianos. O artigo mostra o uso da literatura arturiana para o fortalecimento régio e compara a imagem do Artur ibérico com a obra *Historia Regum Britanniae* (1135-1138), de Geoffrey de Monmouth.

Palavras-chave: Rei Artur, guerreiro, Afonso III de Portugal

Abstract

The main Arthurian elements that circulated in Portugal during the Middle Ages are the images of the fair king and the warrior king which are presented especially in *The Quest for the Holy Grail* (*Demanda do Santo Graal*) (1250), *Libro de las Generaciones* (*Book of Generations*) (1270) and *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (1340).

This image has done well to some kings, such as Afonso III (1248-1279), who was in process of power centralization. Furthermore, the chronicles written after this king's death also associated him with Arthurian attributes. The paper shows the usage of Arthurian Literature for the process of strength of the kings' political power and compares the image of the Iberian Arthur with the work *Historia Regum Britanniae* (1135-138), by Geoffrey de Monmouth.

Keywords: King Arthur, warrior, Afonso III of Portugal

Introdução

A imagem do rei Artur sob o aspecto guerreiro teve uma influência e circulação muito grande em Portugal. A primeira cópia da *Historia Regum Britanniae* chegou a Península Ibérica graças a D. Leonor da Inglaterra, que ao casar com Afonso VIII de Castela em 1170 trouxe consigo uma cópia da narrativa. A primeira menção a Artur num texto ibérico é a crônica castelhana *Anales Toledanos Primeros* (1219) (LAPA, 1973:222; PENA, 1990: 381, ENTWISTLE, 1942: 41).

Já em outros trabalhos venho defendendo a idéia de que a circulação de relatos arturianos na Península Ibérica serviu como um dos modelos régios utilizados na construção das crônicas portuguesas. Além disso, fica bastante claro devido a uma série de manuscritos que circularam durante o reinado de Afonso III (1248-1279), de Portugal, que este rei especificamente beneficiou-se com a circulação da matéria da Bretanha durante o seu reinado para o fortalecimento do seu poder político (ZIERER, 1999).

Assim como Henrique II Plantageneta (1154-1189) mandou traduzir a *Historia Regum* do latim para o francês para que a imagem do rei-guerreiro circulasse na sua corte, pode-se também igualmente atribuir a Afonso III a utilização da literatura arturiana com o propósito de fortalecimento no poder. Durante o governo deste último, várias obras arturianas circularam, beneficiando indiretamente a centralização régia ocorrida em Portugal em seu governo.

Afonso III conseguiu controlar uma revolta da nobreza e obter maior controle sobre diversos impostos, chegando mesmo a entrar em conflito com os bispos e por isso foi excomungado, devido à divergência de seus interesses centralizadores com os da Igreja. Afonso III, além disso, necessitava legitimar-se uma vez que depôs o irmão, o rei Sancho II. Por isso é relevante observar a importância da Matéria da Bretanha no seu reinado, com a circulação de várias obras que, indiretamente, possibilitaram o seu fortalecimento já que apresentavam como modelo um rei guerreiro, justo e com uma corte valorosa: Artur. Este artigo discorrerá sobre a circulação dos relatos arturianos em Portugal a partir de Afonso III e de que forma estas obras influenciaram a imagem tecida pelo rei em crônicas escritas após a sua morte.

Ao monarca português é atribuído o fato de ter trazido de sua estadia na França um exemplar do romance de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, que teria mandado traduzir. Além disso, durante o seu reinado o *Libro de las Generaciones*, uma das fontes genealógicas utilizadas pelo Conde D. Pedro no *Livro de Linhagens* (1340), também continha a genealogia dos reis bretões, podendo ter circulado em Portugal entre 1260 e 1270.

Desta forma, o objetivo deste artigo é mostrar a circulação da Matéria da Bretanha em Portugal e mais especificamente as imagens veiculadas pela literatura arturiana sobre o rei-guerreiro e justo que favoreceram o fortalecimento do monarca Afonso III, de Portugal, através de uma visão positiva deste soberano que foi transmitida pelas crônicas e que está associada a atributos arturianos.

1. Literatura Arturiana em Portugal nos Cancioneiros

A presença da literatura arturiana em Portugal também é atestada no século XIII pela poesia trovadoresca¹ contida nos Cancioneiros. Os cancioneiros constituem-se em coletâneas de poesias medievais galego-portuguesas, escritas inicialmente em pequenos cadernos de apontamentos e que mais tarde foram organizadas pelos reis (MOISÉS,

1975: 22). As principais são: o *Cancioneiro da Ajuda*, composto no reinado de Afonso III (fins do século XIII), contendo apenas as cantigas de amor; o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (também conhecido como Colocci-Brancuti), é cópia do século XVI, de um original do século XV, contém todos os tipos de cantigas, englobando trovadores da época de Afonso III e D. Dinis; e o *Cancioneiro da Vaticana*, também cópia do século XVI, de original do século anterior, inclui cantigas de escárnio e maldizer, de amor e de amigo (MOISÉS, 1975: 26-27).

O *Cancioneiro da Ajuda*, do último quartel do século XIII, tem menções constantes a Tristão e Isolda, Merlin e Brancaflor (SARAIVA E LOPES, 1976: 88). O *Cancioneiro da Vaticana* menciona a morte de Merlin:

Com'aveo Merlin de morrer por seu gran saber que el foi mostrar/a tal melher que o soub'enganar ... con que sabe que o pod'ençerrar en tal logar um conven d'atender a tal morte de qual morreu Merlin,/ u dara vozes fazendo sa fin." (*Cancioneiro da Vaticana*, 930)

A visão do *Cancioneiro* é a de que Merlin, traído por uma mulher foi morto. Outros relatos arturianos explicam que ele foi aprisionado numa caverna por Niniane ou Viviane, por quem o mago se apaixonara.

A mesma obra também faz referência à besta ladradora, animal maravilhoso que aparece no romance *A Demanda do Santo Graal*: "(...) a pran, sera a besta ladrador que lh'adurran do reino de Bretanha" (*Cancioneiro da Vaticana*, 1140). Na *Demanda* este ser é apresentado como filho de uma donzela com o próprio demônio e a besta só pôde ser morta por um dos cavaleiros eleitos a ver o Graal, Palamades, muçulmano, que depois se converteu ao cristianismo e foi capaz de realizar o feito.

Já o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* contém três laís referentes a Tristão e traduzidos do francês (SARAIVA e LOPES, 1976: 88).

2. Afonso III e o Ciclo Arturiano

Já mencionei na primeira parte deste artigo (ZIERER, 2003: 31-44) e também na introdução a importância do rei Afonso III (1248-1279) na circulação de obras arturianas em Portugal, especificamente do romance de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*. Nesta segunda parte, discorrerei mais detidamente sobre outros manuscritos arturianos que circularam na Península Ibérica, de caráter nobiliárquico, como *Libro de las Generaciones* e o *Nobiliário do Conde Dom Pedro*, obras que também influenciaram a construção de uma imagem positiva de Afonso III nas crônicas posteriores escritas acerca daquele monarca.



Figura 1: Retrato de Afonso III, rei de Portugal. In: Serrão, J. (Dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 1976, v. I: 40.

Sobre este rei, é bom lembrar que ele depôs o irmão, Sancho II em 1245, por ordem do papa, tornando-se então regedor de Portugal. Sancho II enfrentava problemas com a nobreza secundogênita que muitas vezes causava distúrbios atacando terras alheias (fato também conhecido como Crise de 1245). Por não conseguir contornar estes problemas, o papa interferiu em favor de Afonso, Conde de Bolonha e os dois irmãos no mesmo ano iniciaram uma guerra civil. Sancho II tentou o apoio do rei de Castela e acabou morrendo de morte natural em solo castelhano, o que certamente também contribuiu para a posterior imagem negativa sobre o seu reinado que consta nas crônicas. Afonso III de regedor que já era tornou-se rei por direito em 1248, uma vez que o irmão falecido não deixava descendentes.

Para um nobre que chegava ao reino depondo um rei legítimo, Afonso III buscava vincular a si próprio uma imagem positiva. Essa imagem ele foi colher nos romances de cavalaria, com os quais já tivera contato na França, onde morava com sua primeira esposa, Matilde de Bolonha. De lá trouxe *A Demanda do Santo Graal*, traduzida pelo frade português Joam Vivas ou Bivas, da Ordem de Santiago, que viveu por volta da mesma época de Afonso III (CASTRO, 1983: 82).

Ao contrário de outras obras da literatura cortês, como os romances em verso de Chrétien de Troyes, a figura de Artur na *Demanda* é a de um rei forte e guerreiro, imagem inspirada nos primeiros relatos arturianos, como a *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, na qual Artur vence trinta reis pagãos, dois gigantes e o próprio Império Romano. Embora naquela narrativa o monarca mítico não seja o personagem principal, guarda vários traços do Artur de Geoffrey (ZIERER, 2003: 31-44).

A imagem de um rei guerreiro e justo que aparece tanto no romance *A Demanda do Santo Graal* quanto no *Libro de las Generaciones* e também no *Nobiliário do Conde Dom Pedro* auxiliaram politicamente o novo representante da Dinastia de Borgonha, Afonso III, que tinha necessidade de legitimar o novo ramo da dinastia no poder não só mantendo a paz no reino e controlando os nobres, como fez com sucesso, mas também no plano das idéias, enfatizando de forma indireta uma possível associação entre o rei Artur e as suas ações, que inspiraram claramente os relatos cronísticos escritos sobre ele posteriormente, como a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal* (também conhecida como *Crónica de 1419*) e a *Crónica de D. Afonso III*, de Rui de Pina, relatos estes redigidos entre os séculos XIV e XVI.

Se tais crônicas apresentam esta conotação positiva é porque esta imagem foi tecida durante o próprio reinado de Afonso III. A descrição deste rei nas crônicas inspirou-se tanto nos atributos arturianos quanto naqueles dos bons reis bíblicos, como Davi, Salomão, Asa, Ezequias e Josias, também citados no *Nobiliário do Conde D. Pedro* (ZIERER, 1999: 117).

3. Atributos do Rei Artur na Península Ibérica

É possível notar que Artur aparece no romance *A Demanda do Santo Graal*, *Libro das Generaciones* e *Livro de Linhagens do Conde Dom Pedro*, com os atributos de **rei-guerreiro** e **rei-justo**, qualidades importantes identificadas aos monarcas ibéricos mormente a partir da Reconquista Cristã. Estas características de Artur nas obras que circularam em Portugal e Castela nos séculos XIII e XIV basearam-se na narrativa de Geoffrey de Monmouth, a *Historia Regum Britanniae* (História dos Reis da Bretanha) (1135-1138).

É interessante observar o quadro sobre os atributos arturianos desde a primeira menção latina a Artur, na fonte *Historia Brittonum*. Ali Artur ainda não é apresentado como rei, mas como um guerreiro invencível. Esta obra influenciou o relato escrito por Geoffrey, a *Historia Regum Britanniae*, que depois foi transcrita em versos pelo normando Robert Wace, o *Roman de Brut*. Na obra de Geoffrey de Monmouth, Artur passa de guerreiro a rei cristão invencível, vencendo todos os seus inimigos em combate singular, além de dois gigantes (ZIERER, 2002: 40-54). O rei mais tarde, depois de vencer o imperador romano que lhe exigia tributos, recebe a notícia que seu sobrinho havia usurpado o trono na sua ausência. Volta então para a Bretanha quando, ao lutar com este, recebe um ferimento mortal e é levado para Avalon para curar-se.

Já na *Demanda*, que é uma obra de cunho cristão, Artur ainda é um rei notável, classificado como o “melhor rei do mundo” (ZIERER, 2003: 31-44), mas ao mesmo tempo é visto como um pecador. De qualquer modo, mesmo na *Demanda do Santo Graal*, cujo cerne da narrativa é a busca dos cavaleiros por um objeto místico, o Santo Graal, o rei Artur quando mencionado conserva os mesmos elementos da *Historia Regum Britanniae*, daí a importância da *Demanda* para o fortalecimento de Afonso III e de outros monarcas ibéricos.

É bom lembrar que no caso do *Libro de las Generaciones* e no *Nobiliário do Conde D. Pedro*, que se inspirou no primeiro, são mencionados um breve resumo das ações de Artur, inspiradas na obra de Geoffrey. Através dos quadros a seguir é interessante observar a imagem de Artur que também circulou na Península Ibérica.

Quadro 1.

ARTUR COMO GUERREIRO INVENCÍVEL

HISTORIA BRITTONUM (HISTÓRIA DOS BRETÕES)-HB (DE NENNIUS) ANO 800	HISTORIA REGUM BRITANNIAE (HISTÓRIA DOS REIS DA BRETANHA)- HRB (DE GEOFFREY DE MONMOUTH) 1135-1138	ROMAN DE BRUT (ROMANCE DE BRUTO) (DE ROBERT WACE) 1155	LA QUESTE DEL SAINT GRAAL (A DEMANDA DO SANTO GRAAL) (ANÔNIMO)-DSG 1215-1230 (VULGATA) 1230-1250 (POST –VULGATA)
GUERREIRO INVENCÍVEL	REI CRISTÃO INVENCÍVEL	IDEM H.R.B	REI CRISTÃO PECADOR
VENCEDOR DAS 12 BATALHAS CONTRA OS SAXÕES	REALIZA CRUZADA CONTRA OS PAGÃOS E VENCE ROMA	IDEM H.R.B	MELHOR REI DO MUNDO, JUSTO E GUERREIRO VENCE ROMA
ESCUDO DA VIRGEM MARIA	ESCUDO DA VIRGEM E ESPADA CALIBURN	IDEM H.R.B.	ESPADA EXCALIBUR
		1ª MENÇÃO À TÁVOLA REDONDA	

Obs: Em *A Demanda do Santo Graal*, cristianização do mito do Graal. A versão de *A Demanda do Santo Graal* que circulou em Portugal pertence a segunda prosificação do ciclo da *Post –Vulgata* desta obra.

Quadro 2.

ATRIBUTOS DE ARTUR COMO GUERREIRO OU REI-GUERREIRO

ATRIBUTOS	HB	HRB	DSG
Guerreiro ou Rei-Guerreiro em combate	“E sob o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo e sob o poder da sagrada Virgem Maria, sua mãe, houve grande mortandade entre eles [os saxões]. A décima segunda batalha foi no Monte Badon, no qual caíram em um só dia 960 homens de uma investida de Artur e ninguém os golpeou exceto o próprio Artur, e em todas as batalhas ele saiu como vencedor.” (cap. 56)	“Todos aqueles com quem se batia, invocando Deus, morriam ao primeiro golpe de espada. Ele não suspendeu seu ataque até ter matado 470 soldados com sua única arma Caliburn” (p.215)	“E ele meteu mão a espada, que era boa e bem cortadora e ele era muito corajoso e muito forte e defendia-se tão bem e tão valentemente que diziam bem quantos o viam que aquele era o rei Artur, e seus inimigos também o louvavam e prezavam muito, tanto o viam bem defender-se”. (1988, p. 344)

Quadro 3.

AÇÕES E ATRIBUTOS DO REI ARTUR NA *HISTORIA REGUM BRITANNIAE* E NA *DEMANDA DO SANTO GRAAL*

ATRIBUTOS	HRB	DSG
Rei-Guerreiro Derrota Gigantes	“(…) ele batia violentamente no monstro com sua espada tanto de um lado quanto do outro, e não houve golpe que não lhe trouxesse uma ferida mortal, fendendo-lhe a cabeça de seu glaiivo lá onde o crânio protege o cérebro.” (p. 234)	-
Rei-Justo	“Artur era então um jovem de 15 anos, de uma coragem e generosidade excepcionais. Sua bondade natural lhe dava uma tal graça que todos os amavam. Investido de insígnias reais, ele conservou seus hábitos e deu provas de largueza. (...) Ele restabeleceu no seu reino uma paz durável e lá permaneceu por doze anos.” (p. 203)	“-Por boa fé, disse Galaaz, de quem tendes a terra? - Do rei Artur, disse ela e também dele. - Pois ide-vos queixar ao rei e vos fará justiça.”
Artur Derrota o Império Romano	“Os romanos caíram aos milhares. O próprio imperador Lúcio (...) acabou por sucumbir, transpassado por uma lança anônima. Colocados em fuga parte dos aterrados romanos buscou refúgio (...) mas os bretões os perseguiram tenazmente e os matavam sem piedade.” (p. 252-253)	“Quando [Artur] viu que Galvão e outros cavaleiros já estavam sãos, saiu com todo o seu exército contra o Imperador de Roma e lutou com ele e venceu--o e matou-o.” (1988, p. 493)

4. O Livro de las Generaciones

O *Libro de las Generaciones* ou manuscrito de Larraya (1260/1270) é uma crônica navarra que contém a genealogia dos reis celtas e que foi acrescentada a uma das fontes do Conde D. Pedro, o *Liber Regum ou Crónica Villarense* por volta de 1260-1270 (MATTOSO, 1980:17). Esta última fonte foi utilizada pelo Conde D. Pedro tanto no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* como na *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

Só possuímos do *Libro de las Generaciones* a versão do século XV de um erudito que a copiou, Martin de Larraya, a qual foi descoberta por Diego Catalan Menendez Pidal e publicada no apêndice da *Crónica Geñeral de España de 1344* (MATTOSO, 1980: 17-18). Foi também publicado no mesmo apêndice, a *Crónica de 1404*, um relato castelhano muito próximo do conteúdo do *Libro de las Generaciones*, não tendo sido encontrado todo o fragmento do texto, mas contendo o relato arturiano completo, conforme veremos transcrito mais adiante, no quadro 4.

Vários autores (como Lindley Cintra) afirmam que o *Libro de las Generaciones* foi ou adaptado diretamente da *Historia Regum Britanniae* ou teria se inspirado na obra de Wace, o *Roman de Brut*, que por sua vez baseava-se na obra de Monmouth (opinião de D. Catálan e Luís Cardim) (CINTRA, 1983: CV-CVI; KRUS, s/d: 147).

Podemos observar que o *Libro de las Generaciones* (1971: 281) apresenta uma visão sobre Artur como guerreiro invencível, muito próxima daquela de Geoffrey:

Morio Uterpradagon e rregno su fijo Artus. **Este rrey Artus fo muyt buen rrey e leal e vençio a todos sus enemigos, e paso por muytas auenturas e mato muchos gigantes**, e fezo tantas de bondades que sienpre fablaran del. (o grifo é meu)



Figura 2. Artur derrota gigante do Monte S. Michel. Século XII. Ilustração de exemplar da *Historia Regum Britanniae*. Ms. 980, f. 66v. Bibliothèque Municipale. Douai.

5. A Matéria da Bretanha no *Nobiliário do Conde D. Pedro*

Os *Livros de Linhagens* caracterizaram-se como registros genealógicos da nobreza desde os fins do século XIII e ao longo do século XIV, sendo que Portugal teve primazia na Península Ibérica neste gênero (COELHO, 1960: 430-431). A autoria do

Nobiliário do Conde D. Pedro (1340) é creditada ao Conde D. Pedro de Barcelos, filho bastardo do rei D. Dinis (1279-1325). O objetivo do livro era garantir os privilégios da nobreza através da lembrança de sua ascendência e de seus feitos guerreiros.

O *Livro de Linhagens* contém narrativas de fundo mítico, ligadas ao maravilhoso e provenientes de diversas origens, as quais “(...) sugerem contactos com o mundo ou a mentalidade céltica, pela forma como fazem intervir o sobrenatural na vida humana e pelas concepções mágicas que pressupõem” (MATTOSO, 1980: 65).

O relato sobre a “D. Marinha” é um mito de fundação, isto é a origem de uma família ou um nome. O conto tem parentesco com Melusina, fada metade mulher, metade serpente, ligada à família de Lusignan na França (Cf. LE GOFF, 1993:289-310).

No *Livro de Linhagens* há duas lendas relacionadas à Melusina, “A Dama do Pé de Cabra” e “D. Marinha”. A característica principal é a origem sobrenatural da mulher, ligada à floresta ou a água, forças que o homem cristão não podia controlar, podendo se tornar benéficas por meio de ações mágicas.

O *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* também possuía uma genealogia dos reis bretões, calcada no relato do *Libro de las Generaciones*. Vale lembrar que a imagem veiculada pelo *Libro de las Generaciones* já desde o século XIII e que passou para o *Nobiliário do Conde D. Pedro* (1980, 2E1) no século XIV foi a de Artur como guerreiro invencível, matador de gigantes e conquistador de Roma:

Morreo Uterpandragom e reinou seu filho, rei Artur de Bretanha,
e foi boo rei e leal, e conquereo todolos os emmigos, e passou por
muitas aventuras, e fez muitas bondades, que todolos tempos do
mundo falarom delo.

Parece bastante plausível que Afonso III tenha tido interesse na circulação de obras como a *Demanda* que estimulavam o ideal de cortesia e de fidelidade dos cavaleiros ao seu rei, e na imagem dos monarcas bretões do *Libro de las Generaciones*. É possível que ambas as obras tenham se apresentado como instrumentos de propaganda do poder régio, pois os reis britânicos:

(eram) considerados como portadores de um heroísmo imbuído de valores guerreiros tão fundamentais como a força, a coragem, a valentia e a ousadia, silenciando a fonte [o *Livro de Linhagens*, derivado do *Libro de las Generaciones*] qualquer alusão a atos régios indiciadores de medo ou cobardia (KRUS, s/d : 152).

A *Crónica Geral de Espanha de 1344* também possuía em sua primeira edição a descrição da descendência do rei Artur. Esta fonte possui grande afinidade com o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, o qual é considerado como o autor de ambos os textos. Cada texto, no entanto possui a sua especificidade, o *Nobiliário* voltado para glorificar os feitos da nobreza e a *Crónica* os feitos dos monarcas. As duas obras tinham em comum o uso da mesma fonte arturiana, o *Libro de las Generaciones*. No entanto, enquanto que no *Livro de Linhagens* há a descrição de toda a história da linhagem bretã, a *Crónica de 1344* apenas apresenta a sua descendência.

6. A Matéria da Bretanha na *Crónica Geral de Espanha de 1344*

A *Crónica Geral de Espanha* (CGE) foi refundida e alterada em fins do século XIV, tendo sido conservado o texto de sua refundição. Os relatos arturianos não aparecem na segunda versão, que só trata de assuntos relativos à história peninsular. Encontramos a genealogia dos reis da Bretanha no apêndice da edição de Lindley Cintra. “Na segunda redação (da CGE), desaparecem a história genealógica universal do início e os resumos da história da França, da Bretanha, da Inglaterra e da Sicília.” (CINTRA, 1983: CDXIII).

Como é possível constatar, a matéria da Bretanha exerceu grande importância em Portugal, o que é atestado pela presença de elementos arturianos em diversos escritos como os cancioneiros, romances de cavalaria, no *Nobiliário do Conde D. Pedro* e mesmo no apêndice da *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

Os atributos do rei Artur juntamente com os dos reis bíblicos também foram utilizados na confecção da imagem dos monarcas portugueses. Além disso, a menção específica ao rei Artur ou a um personagem arturiano é feita em duas crônicas do século XV; a *Crónica do Condestabre*, de autoria anônima, associa o nobre D. Nuno Álvares Pereira, comandante militar de D. João I, a Galaaz, o eleito de Deus de acordo com *A Demanda do Santo Graal*. Já na *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes associa explicitamente o rei D. João I e seus nobres a Artur e os cavaleiros da tábua redonda (sobre as imagens de Nuno Álvares e D. João I cf. ZIERER, 2004: 183-226).

A aplicação política da figura de Artur em Portugal e no resto da Europa foi muito utilizada, o que demonstra a sua força no imaginário medieval. No século XIV, o rei Eduardo I, da Inglaterra, mandou construir uma réplica da tábua redonda com vinte e quatro lugares. Mais tarde, Henrique VIII mandou repintar a mesa original, colocando no seu centro o símbolo da dinastia Tudor. Esta imagem continuou em Portugal até a Idade Moderna também quando até mesmo o rei D. Sebastião procurou imitar os feitos de cavalaria de Galaaz, mantendo a castidade e foi para a Batalha de Alcácer-Quibir contra os mouros imbuído na crença de sua invencibilidade guerreira, um forte traço arturiano.

7. Artur no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* e no *Libro de las Generaciones*

Este livro que, como vimos, foi o primeiro sobre a literatura genealógica da Península Ibérica tinha por objetivo glorificar as ações dos nobres. O relato inicia-se com a apresentação dos reis bíblicos, passando a seguir para as origens mitológicas de Tróia, seus monarcas e a guerra de Tróia. Aparecem as figuras de Brutus e Corineus, que, após o conflito, saem do país e fundam respectivamente a Bretanha e a Cornualha.

Corineus tem um papel importante na Península Ibérica, sendo apresentado como um de seus fundadores. Além disso, auxilia Brutus na luta contra os gigantes da Bretanha. Artur, grande soberano, possuiria, portanto, uma origem comum aos reis ibéricos através do parentesco com Corineus, pois sua mãe havia sido casada com o duque da Cornualha (KRUS, s/d: 160).

Análise da narrativa

Podemos analisar a aparição de Artur no *Libro de las Generaciones* e no *Nobiliário do Conde D. Pedro* utilizando a proposição narrativa sugerida na Poética

Estruturalista de Tzvetan Todorov e que pode ser adotada nas análises históricas (CARDOSO, 1997: 43):

Quadro 4.

ANÁLISE DO REI ARTUR DAS NARRATIVAS MEDIEVAIS IBÉRICAS		
Sequên- cias	Libro de las Generaciones	Nobiliário do Conde D. Pedro
1	<p>“Morio Uterpradagon e rregno su fijo Artus. Este rrey Artus fo muyt buen rrey e leal e vençio a todos sus enemigos, e paso por muytas auenturas e mato muchos gigantes, e fezo tantas de bondades que sienpre fablaran del. Este rrey Artus ouo vn dia cort en Cayrlion, so çiudad. Et esta cort fo muy grande e muy alta e bona. A esta cort le veneron xii caueros mesageros de Rroma, quel inbiaua Luçius Iber, enperador de Rroma que tornas el rrey Artux su vasallo e que touiese su tierra por el. E si non, quel vernia a el e quel toldria sa tierra, e de su corpo que faria justiçia. El rrey Artus, ququando lo odio, aplego so huest e fo lidiar con el enperador. E quondo fo al mont de Sant Miguel, conuatiõs con vn gigant, e vençio el rrey e matolo. E fo a la batalla al enperador. Ququando vio el enperador que Artus venia sobre el, aplego so huest e ysiol a la carrera. Conuatiõeron se anbose vençio el rrey Artus. e fo E rrançado el enperador.”</p>	<p>“Morreo Uterpandragom e reinou seu filho, rei Artur de Bretanha, e foi boo rei e leal, e conquereo todolos seus emmigos, e passou por muitas auentuiras, e fez muitas bondades, que todolos tempos do mundo falarom delo. este rei Artur fez uu dia em Chegerliom, sa cidade, cortes. E estas cortes foram mui boas e mui altas. A estas cortes veerom doze cavaleiros messegeiros que lhe enviava Lucius Liber, que era emperador de Roma, que se fezesseseu vassalo rei Artur, e que tevesse aquela terra de sua mão; e se esto nom fezesse, que lhe mandaria tolher a terra per força e que faria justiça de seu corpo. Quando isto ouvio rei Artur, foi muito irado e mandou chamar toda sa gente que armas podiam levar. E quando foi a Sam Miguel em onte Gargano, combateo-se com o gigante que era orgulhoso e vence-o e matou-o. Lucius Liber, quando soube que rei Artur ia sobr’ele, chamou sa hoste e toda sa gente, e saio-lhe ao caminho. E lidarom ambos e venceu el rei Artur, e foi arrancado o emperador.”</p>
2	<p>“El rrey Artux, ququando mouio de Breytaña, comendo so tierra a su muger a vn sobrino quel dezian Mordret. Este Mordre, ququando ouo en comienda la tierra, jazias co so muger como omne traydor. El rrey Artus, ququando lo sopo, tornos e vino con su huest a Bretayña sobre Mordret. Este Mordret, ququando sopo que sobre el venia, aplego todos los omnes que podio aver e ysiol al rrey a bataja. E ellos, que estauan las azes paradas, dixo vn rric omne quel dizian Canblint a Mordret que auiafeyto grant enemiga e que se acordase con el rrey. Mordret inbio mesage al rrey quel ysiese a fabla e quel faria lo que mandaria. E el rrey ysiol a fabla a vna paret e ouo y grant fenar e yssio d’i vna grant serpiant. E el rrey que la vio, metio mano a la espada e enpeço lo de encalçar, e Mordret con el. Lures gentes, que estauan de luent, cuydauan que encalçauan l’uno ao otro e van se a ferir las vnas azes con las otras. Et ququando</p>	<p>“E el rei Artur, quando moveo de Bretanha por ir a esta guerra, leixou a sa terra a uu seu sobrino que havia nome Mordech. Este Mordech, que havia a terra em guarda de rei Artur e sa molher, quando el rei foi fora da terra, alçou-se com ela e quis-lhe jazer com a molher. E el rei, quando o soube, tornou-se com sa hoste e veo sobre Mordech. E Mordech, quando o soube, filhou toda sa companha e saio a ele aa batalha.//E eles tiinham as azes paradas pera lidar no monte de Camblet, e acordou-se Mordech que havia feito gram traçom, e se entrasse na batalha que seria vencido. E enviou a el rei que saisse a departe e falaria com ele, e el rei assi o fez. E eles que estavam assi em esta fala, saio ja gram serpente do freo a el rei Artur, e quando a vio, meteo mão a espada e começou a ençalça-la, e Mordech outrossi. E as gentes que estavam longe virom dque ia uu apos o outro, e foram-se ferir uas azes com as outras, e foi grande a batalha. E morreo Galvam, o filho del rei Artur de ua espadada, que tragia sobresaada,</p>

	<p>uieron el rrey e Mordret que lures gentes asse se dauan, fo el rrey a su part e Mordret a la suya e fo grant batalla. E morio y Mordret e todos los demas de caueros de la vna part e de la otra. E en esta batalla morio Galuan, el sobrino de Artus. Et el rrey Artus touo el campo e fo mal ferido de tres lançadas. E fezo se leuar para Islaulon por sanar. De aqui adelant non sabemos del, si biuio o si morio, ni Merlin non dixo mas dellos ni nos sauemos.”</p>	<p>que lhe dera Lançarote do Lago, quando entrara em reto ante a cidade de Ganes. Aqui morreo Mordech e todolos boos cavaleiros de ua parte e da outra. El rei Artur teve o campo e foi mal ferido de tres lançadas e de ua espadada que lhe deu Mordech, e feze-se levar a Islavalom por saar. Daqi adiante nom falaremos del, se é vivo se é morto, nem Merlim nom disse del mais, nem eu nom sei ende, mais os Bretões dizem que ainda é vivo. Esta batalha foi na era de quinhentos e oitenta anos.”</p>
<p>3</p>	<p>“La rreyña sa muger entendio que ouo feyto grant mal, e fezo se seror en Curoyt en vna auadia. e a poco de tienpo morio y. Apres del rrey Artus ouo tres rreyes en el rreysmo de Bretayña: la vna partida de la tierra ouo Loth de Leones, el padre de Galuan, et la otra partida ouo Constantin, el fillo de Cador, del duc de Cornualla. Apres de la muert del rrey Loth de Leones, ouo tres rreyes en Bretayna que non fueron del linage del rrey Artux, e ouieron grandes batallas sobre el regno. En tanto vino Gormon, que hera moro, e que conquerio toda la tierra e yto todos los christianos a perdition. Et este Gormon camio el nonbre de Bretayña e pusoli nonbre Anglaterra. E quoando morio su padre dexo a el el rreysmo que fuese rrey. Pues este Gormon leyso el rreysmo a so hermano e dixo que non seria rrey troa que conquisiese rreysmo. Et mouios de Africa con grandes poderes que ouo, e arriuio e ouo consigo todos los sames e çerco al rrey Carit en Grinceste. Quoando tenia Gormon çercada a Grinceste, uino estonz a el Gilfernats, el fillo del rrey de França, e fezo se so vasallo de Gormon, e tornos moro. Gormon priso la çiudad por grant engen e mato al rrey Enrric e al rrey Aldebert, e destruyo toda la tierra e fo en poder dellos.”</p>	<p>“A rainha sa molher de rei Artur meteo-se monja em ua abadia, e a pouco tempo morreo ali. e no reino de Bretanha houve depois de rei Artur dous reis; e ua parte houve Loth de Leonis e a outra partida houve Constantim, o filho de Candor, o duc da Cornualha. Depois da morte de rei Loth de Leonis, houve i outros dous reis em Bretanha, que forom do linhagem de rei Artur, e houveram grandes batalhas sobre a terra e deitou todolos cristãos a perdiçom. E por esto perdeo Bretanha seu nome, e poserom-lhe nome Ingraterra. Este Gormon foi filho de uu rei de França. E quando morreo seu padre leixou-lhe o regno, que fosse rei, e ele nom no quis e deu-o a seu irmão, ca disse que nom queria seer rei ataa que nom conqueresse regno per si, de que fosse rei. E moveo-se de França com gram poder de gentes que houve, e portou em Bretanha e cercou el rei Carith em Sireteste, com todolos Saisins que lhe veerom em ajuda, quando tiinha Gormon cercado Tereteste. Ali, veo a ele o sobrinho de Guilim d’Alcorves e feze-se seu vassalo, e tornou-se gentil. Gormon filhou esta cidade per grandárte e matou a el rei Traye e el rei Aldeberch, e destroio toda a terra, e foi emperador dos Saisinis.”</p>

Análise das sequências

Situação Inicial I:

Artur, muito bom rei fez muitas aventuras e bondades.

Perturbação da Situação Inicial:

Durante uma convocação de cortes, chegam doze emissários de Roma enviados por Lucius Liber, o imperador.

Crise:

O imperador de Roma desafia Artur caso não queira ser seu vassalo.

<u>Intervenção na Crise:</u>	Artur vai lutar contra Roma e no caminho mata um gigante. O relato também cita um outro gigante que ele havia matado no passado.
<u>Novo Equilíbrio:</u>	Artur mata o imperador de Roma, Lucius Liber.
<u>Situação 2:</u>	Artur sai da Bretanha para combater o Imperador de Roma e deixa o reino aos cuidados do sobrinho, Mordret.
<u>Perturbação:</u>	O sobrinho trai a confiança do rei.
<u>Crise:</u>	Artur retorna ao saber da usurpação do trono e da tentativa do traidor em ficar com a rainha. Um conflito armado vai explodir.
<u>Intervenção:</u>	Ocorre uma grande batalha entre o rei e seu sobrinho. No conflito morre Galvam de um novo ferimento que abre uma ferida mal curada de uma luta antiga com Lancelot.
<u>Novo equilíbrio:</u>	O usurpador morre. Artur é gravemente ferido e levado para Avalon para se curar. Os bretões acreditam que ele ainda está vivo.
<u>Situação 3:</u>	A rainha vai para uma abadia onde morre pouco depois. Depois de Artur há dois reis: Loth e Constantim.
<u>Perturbação:</u>	Gormon, filho de um rei da França vem atacar a Bretanha, pois queria obter um reino através de esforço próprio e não através de herança.
<u>Crise:</u>	Gormon cerca regiões da Bretanha com auxílio dos saxões.
<u>Intervenção na Crise:</u>	Gormon toma regiões da Bretanha e mata seus reis.
<u>Novo Equilíbrio:</u>	Bretanha perde seu nome e passa a se chamar Inglaterra.

Como podemos perceber, o relato do *Libro de las Generaciones* que passou ao *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, é fortemente influenciado pela narrativa arturiana contida na *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth. Todos os principais acontecimentos daquela obra repetem-se aqui: Artur como bom rei e justo é desafiado pelo imperador romano durante uma convocação de cortes. Na *Historia*

Regum Britanniae (1993: 223-224), o mesmo evento ocorre, durante a cerimônia de coroação do monarca. Por isso, Artur deixa a Bretanha aos cuidados do sobrinho e decide atacar Roma.



Figura 3. Artur combate Lúcio, Imperador romano. Século XIII. Ms Egerton 3028 f. 51. British Library.

Nos relatos ibéricos e na *Historia Regum*, Artur mata dois gigantes, vence os romanos e volta ao reino de Logres ao saber da traição do sobrinho, havendo o combate final, onde Mordred/Morderch é morto e o rei, gravemente ferido, retira-se para Avalon. Após este acontecimento, ambas as narrativas enfatizam a chegada do pagão Gormon que derrota os antigos habitantes da ilha e passa a dominá-la.

É interessante notar que nas fontes arturianas ibéricas já aparece a morte de Galvam por Lancelote, relato inexistente na *Historia Regum Britanniae*, pois este personagem só surgiu nos relatos arturianos mais tarde. A narrativa desta morte segue a descrição do romance da *Post -Vulgata A Demanda do Santo Graal*, que cita a morte do sobrinho de Artur devido a uma ferida mal curada causada por Lancelot². Portanto, a versão da Península Ibérica sobre o relato da *Historia Regum* sofreu influências de novos personagens e foi enriquecida graças à circulação de outras narrativas arturianas, como *A Demanda do Santo Graal*.

O importante a destacar sobre a imagem de Artur na Península Ibérica é que os relatos escritos disponíveis atualmente, cronísticos como o *Libro de las Generaciones*, ou baseados nas novelas de cavalaria, como *A Demanda do Santo Graal*, apresentam uma imagem de um rei forte, poderoso e capaz de unir a nobreza. Esta imagem convinha aos reis ibéricos, os quais lutavam no processo da Reconquista e ao mesmo tempo buscavam aumentar os mecanismos de fortalecimento do poder régio através da cobrança de impostos e controle sobre a moeda.

8. A Imagem Arturiana associada a Afonso III

Conforme já foi mencionado, a imagem de Afonso III nos relatos cronísticos foi valorizada e positiva, portando elementos de rei ideal e atributos associados ao rei Artur. Os mesmos relatos cronísticos, ao mencionarem o seu irmão Sancho II, apresentam-no, ao contrário, como fraco e desprovido de atributos guerreiros. O irmão de Afonso III é descrito inclusive como controlado pela mulher D. Mécia, acusada nos relatos de haver “enfeitado” o marido, que por tal motivo, segundo as crônicas, teria governado mal (ZIERER, 2003b).

Segue abaixo um quadro relacionando os atributos arturianos com as características de Afonso III nas crônicas dos séculos XIV ao XVI:

ATRIBUTOS POSITIVOS DE AFONSO III			
Atributos	Crónica de 1344	Crónica de 1419	Crónicas de Rui de Pina
Bom e Justicioso	1. “E foy muy bõo rei e muy justicioso e corregeo toda a terra que stava muy danyficada do tempo de seu irmãoo. E este fez muytas pobrações e levãtou muytos castelos e cercou muitas vilas.” (p. 242)	1. “E foy muy boom Rey e justicioso. E lamçou fora da tera muytos malfeytores, e fou de muy bom regimento em sua casa, e no Reyno. Manteue sua fazemda em gramde regra, e o Reyno em muyta justiça e aseçegou. E corregeo a terra que estaua muyto estragada do tempo de seu jrmão, elRey D. Sancho Capelo. E fez muyto boas pouoações, e mamdou lavrar os termos de muytas vilas e castelos.” (p. 248)	1. “ElRey Dom Affonso loguo como Reynou, e assi depois que ha segunda vez cazou foy boom Rey, verdadeyro, e prudente, e de coraçam muyto esforçado, e muito amigo da Justiça, (...) ha muitos malfeytores deu suas devidas penas (...) regeio bem ho Reyno com devida, e inteyra equidade, e proveo ho povo em inteyra Justiça, e sua real Caza, e Fazenda com singular regra, e louvada ordenança.” (p. 170)
Guerreiro Cristão/ Expansio-nista	1. “E este rey dõ Affonso, em seendo conde de Bolonha ouve muytas batalhas em França e sempre foy vencedor.” 2. “(…) casou com dona Beatriz, filha del rey dõ Affonso de Castella e Leon (...), e deulhe el rey de Castela todo o que avya no Algarve.” 3. “E este rey tomou Faarõ aos mouros e outros logares no Algarve. Pero diz a estoria que o meestre dom Paay Correa, que era seu compadre e seu natural, tomou o demais do Algarve aos mouros.” (p. 242)	1. “E forom as gemtes muyto maravelhadas daquele casamento, por quamto elRey D. Afonso era casado com a Comdesa de Bolonha. E elRey lhe deu em resposta, dizendo que se em outro dia achase outra molher que lhe dese outra tanta terra no Regno, pera o acreçemtar, que loguo casarja com ela.” (p. 248) 2. “E per esta gujsa tinha elRey çerquada a vila. Com todas estas gemtes combatia o lugar muy fortemente de dia e de noyte, e muy poucas vezes lhe daua lugar. E tomoulhe el Rey o mar com a frota, e atrauesou no canall do ryo nauyos grandes e bem defemdididos, ancorados da parte de fora e contra o mar, se algumas galees de Mouros vyesem, (...) que lhe fose embargada a emtrada do ryo.” (p. 274)	1. “(…) elle foy ho que primeyro se intitulou Rei de Portugal, e do Algarve, e poz na Orla do dito Escudo, e Quinas hos Castelllos dourados em campo vermelho, que loguo elle, e depois hos outros Reys de Portugal que delle decenderam sempre até aguora trouxeram.” (p. 170) 2. “hum privado delRey (...) lhe disse que nom fizera bem em casar com ha Rainha Dona Breatiz, pois sabia que era cazado com ha Condessa de Bolonha (...) ElRey lhe respondera , que nom se espantasse (...) porque ainda cazaria com outra molher, se com ella lhe dessem outra tanta terra, porque mais acrescentasse er Portugal. (p. 171)

Conforme se pode observar no quadro, as crônicas valorizam as atitudes de Afonso III, justificando-as, como o fato de um segundo casamento com a filha bastarda do rei de Castela quando ainda era casado com D. Matilde de Bolonha. Tal atitude na

época foi condenada pelo papa, que excomungou Afonso III, mas o casamento acabou por ser oficializado mais tarde, com a morte da primeira esposa.

As crônicas justificam esse casamento com o fato de este ter garantido a Afonso III um maior número de terras em Portugal, as terras do Algarve conquistadas dos mouros, cedidas a ele pelo pai da esposa, o rei Afonso X, de Castela.

As atitudes de Afonso III nas crônicas citadas procuram associá-lo a atributos positivos de rei-guerreiro e rei-justo que aparecem tanto no *Antigo Testamento*, referentes aos bons reis bíblicos, como também aos atributos arturianos, o que nos leva a confirmar o uso de tais modelos para a construção da imagem escrita sobre Afonso III.

Conclusão

A circulação de narrativas arturianas na Península Ibérica mostra predominantemente uma imagem de Artur como guerreiro e justo, imagem esta que foi associada a vários reis ibéricos. Um dos reis que se beneficiou com a circulação desta imagem e teve papel ativo para que esta fosse divulgada em Portugal, através do estímulo à circulação do romance *A Demanda do Santo Graal* foi Afonso III.

Através de narrativas como os romances de cavalaria, a divulgação dos poemas nos cancioneiros e também em relatos cronísticos, a imagem de Artur impregnou o reino, influenciando posteriormente a imagem de Afonso III, o iniciador de um novo ramo da Dinastia de Borgonha. O estudo das características de Artur no *Libro de las Generaciones* e *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* enriquecem os conhecimentos sobre Artur e confirmam a imagem que circulou sobre este personagem e seu papel fundamental na formação da imagem dos reis nas crônicas portuguesas.

No caso específico de Afonso III, a ele foram atribuídas nos relatos cronísticos características positivas e associadas ao rei Artur, como o fato de ser justo, guerreiro e bom rei, imagem que o contrapunha nos relatos cronísticos com o seu irmão deposto, Sancho II. É bom lembrar que o processo de Reconquista ocorreu em Portugal antes, durante e depois do governo deste rei. Assim, com relação a Sancho II, o fato de não ser considerado um guerreiro nos relatos está ligado ao fato de justificar no poder o rei Afonso III, que o sucedeu com base na força através da deposição e guerra civil.

As características positivas de Afonso III nas crônicas, que justificam todas as suas ações, as quais são apresentadas como boas, omitindo os problemas do rei com a Igreja, tanto na época do segundo casamento, quanto no seu processo de centralização política, que o levaram a ser excomungado duas vezes, em momentos diferentes, comprovam o uso político das crônicas e a ação dos cronistas como funcionários da coroa. Estes tinham por função apresentar imagens positivas dos monarcas que se estabeleceram no poder, como no caso de Afonso III, que foi glorificado por ordem de seus descendentes.

Através da circulação da Matéria da Bretanha em Portugal, fica bastante claro que os cronistas inspiraram-se no modelo arturiano de rei com vistas ao fortalecimento do poder político, o que mostra a apropriação da literatura para uso do político em processo de centralização durante as Idades Média e Moderna.

Fontes

- A Demanda do Santo Graal* (DSG) (ed. Crítica e fac-similar de Augusto Magne). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. I (1955) e v. II (1970).
- A Demanda do Santo Graal*. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz Ed., 1988.
- Cantigas D'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*. Edição Crítica de Manuel Rodrigues Lapa. Lisboa: Editorial Galáxia, 1965.
- “Crónica de D. Afonso III”. In: *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal* (ed. crítica de C. Silva Tarouca). Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1952, v. I.
- GEOFFREY DE MONMOUTH. *Historia Regum Britanniae (Histoire des Rois de Bretagne)* (HRB). (Traduite et commenté par Laurence Mathey-Maille). Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- Libro de las Generaciones*. In: *Crónica Geñeral de España de 1344*. Edição de D. Catalán y María Soledad de Andrés. Madrid: Editorial Gredos, 1971, v. I.
- Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Org. por José Mattoso. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1980, v. II/1 e II/2.
- NENNIUS. *História dos Bretões*. Trad., apresentação e notas de Adriana Zierer. In: COSTA, Ricardo (Org.). *Testemunhos da História. Documentos de História Antiga e Medieval*. Vitória: EDUFES, 2003, p. 209-253. (tradução disponível na Internet: <http://www.ricardocosta.com/nennius.htm>)
- PINA, Rui de. “Crónica de D. Afonso III”. In: *Crónicas de Rui de Pina*. Lisboa Occidental: Officina Ferreyriana, 1728, Ed. facsimilada. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello e Irmão, 1977.

Obras Citadas e Consultadas

- CARDOSO, Ciro. *Narrativa, Sentido, História*. São Paulo: Papyrus, 1997.
- CASTRO, Ivo. “Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata”. In: *Boletim de Filologia*. Lisboa: n° 28, 1983, p. 81-98.
- COELHO, Jacinto Prado (Org.). *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1960.
- DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- ENTWISTLE, William James. *A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1942.
- FARAL, Edmond. *La Légende Arthuriene – Textes et Documents*. Paris: Honoré Champion, 1929, 3 volumes.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Ed., 1973.
- LE GOFF, Jacques. *Para um Novo Conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- LINDLEY CINTRA, Luís (Ed.). *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983, v.1.
- KRUS, Luís. *A Concepção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, s/d.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Ed., 1973.

- MATTOSO, José. *História de Portugal - A Monarquia Feudal*. Lisboa: Editorial Estampa, s/d, v. II.
- MATTOSO, José. *Narrativas dos Livros de Linhagens*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1980.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- PENA, Xosé Ramon. *Literatura Galega Medieval*. Santiago de Compostela: Satelo Blanco, 1990
- SARAIVA, A.J. e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Ed., 1976.
- SARAIVA, A.J. *Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1988.
- ZIERER, Adriana M.S. *O Modelo Arturiano em Portugal: A Imagem do Rei-Guerreiro na Construção Cronística de Sancho II e Afonso III*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.
- ZIERER, Adriana. “Artur: de Guerreiro a Rei Cristão nas Fontes Medievais Latinas e Célticas”. In: *BRATHAIR. Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, Ano 2, (1), Primeiro Semestre 2002, p. 40-54. <http://www.brathair.cjb.net/>
- ZIERER, Adriana. “Artur como Modelo Régio nas Fontes Ibéricas Medievais (Parte I): A Demanda do Santo Graal. In: ZIERER, Adriana e CAMPOS, Luciana de (Coord). *BRATHAIR. Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, Edição temática Matéria da Bretanha. Ano 3 (2), 2003, p. 31-44. <http://www.brathair.cjb.net/>
- ZIERER, Adriana. “Mécia, Matilde e Beatriz: Imagens Femininas Refletidas nas Rainhas de Portugal do Século XIII”. In: *Mirabilia. Revista de História Antiga e Medieval*. Ano 3, v. 3, 2003b. www.revistamirabilia.com
- ZIERER, Adriana M.S. *Paraíso, Escatologia e Messianismo em Portugal à Época de D. João I*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004.

Notas

¹ Poesia de influência provençal cantada desde o século XI com acompanhamento musical. Divide-se em dois tipos a lírico-amorosa (cantigas de amor e cantigas de amigo) e satírica (cantigas de escárnio e cantigas de maldizer) (MOISÉS, 1975: 22).

² “Mas aa-cima foi Galvam tam mal-firido que nom pôde mais fazer; e matara-o entam Lançalot, se nom fosse por amor del-rei (...). E sabemos que, em aquela batalha, prês Galvam uu tal golpe, de que pois nom pôde guarir, ante o chegou aquela chaga a morte.” (DSG, 1970, II: 451).